

REVISTA **visão**  
socioambiental

Cultura da Sustentabilidade

**O desperdício nosso  
de cada dia**

Reciclado, o lixo pode se transformar em um grande negócio. Mas na região continua sendo apenas um passivo acumulado em aterros sanitários.



**Nada a declarar.**

O fracasso da Conferência de Copenhague (COP-15), que produziu um documento inócuo, sem força legal, mostrou que políticos e diplomatas não estão agindo com a mesma velocidade das mudanças climáticas. Isso é péssimo para a vida no planeta. Agora, a esperança se volta para a COP-16, que será realizada em dezembro de 2010, na Cidade do México.

**Entrevista**  
**Washington Novaes:**  
"A crise é do padrão  
civilizatório"

# SUA ACADEMIA DO CENTRO DA CIDADE

ESTACIONAMENTO COM  
2 HORAS GRÁTIS!



housepublicidade.com

- **Musculação**
- **Ergometria**
- **Esteiras**
- **Natação**
- **Hidroginástica**
- **Sauna**
- **Espaço Alternativo**  
(Pilates, Shiatsu e Massagem Corporal)

- **Ginástica**  
(Body Combat, Body Attack, Power Jump, Body Balance, Body Pump, Body Step, Body Jam, Rpm, Localizada, Lambaeróbica, Alongamento.)



R. Pref. Moreira Neto, 32 - Centro - Macaé/ RJ  
Tel.: (22) 2762-1402 / [www.corpoemovimento.com.br](http://www.corpoemovimento.com.br)

A matéria "Rio Macaé, do nascimento à morte", assim como as fotos, publicadas na edição nº 20, são de autoria da jornalista Érika Enne. Pedimos desculpas pela omissão involuntária.

## Palavra do Editor

P

Passada a ressaca da COP-15, a Conferência de Copenhague que está sendo considerada um retumbante fracasso, o mundo agora já está de olho na COP-16, que acontecerá em dezembro de 2010 na Cidade do México. Até lá, muita coisa precisa ser feita para que um acordo consistente seja selado, definindo os

cortes de emissões que cada país terá que se comprometer e o volume de recursos a ser repassado para os países mais pobres.

Um acordo que tenha, de fato, a força da lei. Para isso, no entanto, será preciso que os políticos e os diplomatas estejam em condições de acompanhar o ritmo das mudanças climáticas. Trata-se de um desafio assustador, mas não impossível. É absolutamente necessário para se manter as atuais condições de vida no planeta.

Nesta edição, publicamos matéria especial sobre a COP-15, os bastidores das negociações e a opinião de pessoas que se preocupam com o tema. Na III Feira de Responsabilidade Social Empresarial Bacia de Campos, que acontecerá em maio de 2010, algumas personalidades que estiveram em Copenhague vão contar, pessoalmente, o que aconteceu de bom e de ruim neste evento que poderia mudar o curso da história. Poderia, mas não mudou...

*Martinho Santafé*

Filiado à Rede Ethos de Jornalistas  
msantafe@visaosocioambiental.com.br

## Expediente

**Revista Visão Socioambiental**

**Edição:** BM PUBLICIDADE

**Administração e Redação:**

Rua Marechal Deodoro, 31/102 - Centro - Macaé/RJ

**Tel:** (22) 2772.0266

**E-mail:** revista@visaosocioambiental.com.br

**Site:** www.visaosocioambiental.com.br

**Diretor responsável:** Martinho Santafé

**Diretora comercial:** Bernadete Vasconcellos

**Designer Gráfico:** Ana Vasconcellos

**Colaboradores:** Roberto César, César Dussac e Erika Enne

**Impressão:** BM

Os artigos assinados e publicados são de inteira responsabilidade dos seus autores e não transmitem, necessariamente, a opinião da revista Visão Social.

12 **Capa**  
COP 15 - Conferência de Copenhague

04 **Entrevista**  
**Washington Novaes**  
"A crise é do padrão civilizatório"

08 **Meio Ambiente**  
O lixo nosso desperdiçado a cada dia

19 **Vida para o Rio Paraíba do Sul**

16 **Sustentabilidade**  
Relatório sobre a corrupção

17 **Apetite para assar o planeta**

20 **A conta para as gerações futuras**

22 **Artigo**  
Remanescentes do Brasil Colônia

06 **Seções**  
VS News

11 **Destaques**

18 **Municípios**

21 **VS.com**

**VESTIBULAR  
UNIFLU 2010**

**Formação para o novo arranjo produtivo**

FACULDADE DE  
DIREITO DE  
CAMPOS  
(22) 2101-3350

FACULDADE DE  
FILOSOFIA DE  
CAMPOS  
FAFIC  
(22) 2732-2090

FACULDADE DE  
ODONTOLOGIA DE  
CAMPOS  
(22) 2739-6050

www.uniflu.edu.br - www.fic.br

ARQUITETURA E URBANISMO

ARTES VISUAIS

COMUNICAÇÃO SOCIAL

DIREITO

FILOSOFIA

HISTÓRIA

LETRAS

MATEMÁTICA

ODONTOLOGIA

PEDAGOGIA

TURISMO

GRADUAÇÃO SUPERIOR TECNOLÓGICA EM:

LOGÍSTICA

SECRETARIADO

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

**INSCRIÇÕES  
ABERTAS**



## Entrevista: Washington Novaes

“A crise é do padrão civilizatório.”

**C**om mais de 50 anos de atuação profissional, Washington Novaes foi repórter, editor, diretor e colunista das principais publicações brasileiras e de programas de telejornalismo. Destaca-se como documentarista premiado por produções audiovisuais ligadas à questão ambiental no Brasil e no exterior. Atualmente, é colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Popular (diário da cidade de Goiânia, onde vive).

Na entrevista a seguir, concedida ao site Mudanças Climáticas, Novaes, que foi um dos relatores da Agenda 21 brasileira, alerta para a necessidade de respostas eficazes em termos de políticas públicas no campo climático e de uma cobertura sistemática do tema por parte da imprensa.

**Diante de seus impactos econômicos e do risco que oferece à humanidade, o fenômeno das mudanças climáticas pode ser um catalisador mais eficiente para a transição da sociedade rumo a um modelo de desenvolvimento realmente sustentável?**

**W.N.:** Ou o fenômeno vai se configurar como um catalisador mais eficiente, ou como um mais desastroso. Isso vai depender do que for feito em relação à questão. A situação é muito grave e o tempo é muito curto. Essa pode ser uma oportunidade para a adoção de caminhos que não só ajudem a enfrentar a questão do clima, como também a insustentabilidade dos padrões de produção e de consumo – apontados pelo ex-secretário geral da ONU, Kofi Annan, como os dois maiores problemas no plano global atualmente.

Se tais problemas não forem enfrentados, podemos seguir por um caminho extremamente perigoso. Isso porque as mudanças climáticas ameaçam o futuro da espécie humana, o que evidencia que estamos numa crise do padrão civilizatório. Os nossos modos de viver

não são compatíveis com as possibilidades do planeta, seja pelo ângulo do clima, seja pelo ângulo dos serviços e recursos naturais. Temos que criar novos modos de viver que sejam compatíveis.

### Qual sua avaliação da atuação da imprensa em relação às mudanças climáticas?

**W.N.:** A imprensa está submetida ao chamado modelo hollywoodiano da comunicação, no qual as questões do clima e do consumo só ganham destaque em momentos de grande crise, de grandes emoções – quando atrai muita atenção, provoca índices de leitura e índices de audiência. Passada a crise, o tema é relegado para segundo plano.

Em dezembro de 2008, por exemplo, esteve em destaque a situação das enchentes em Santa Catarina. Mas esse desastre não aconteceu da noite para o dia. É certo que houve um evento climático extremo, mas suas conseqüências foram muito favorecidas por questões que já vêm acontecendo há décadas: o desmatamento e a ocupação de morros de encostas e da planície natural de inundação dos rios, bem como a impermeabilização dos solos urbanos. Nos momentos de chuvas intensas, a água não tem para onde se infiltrar e vai para os rios, que não suportam nem o seu curso natural, inundando tudo. Por outro lado, os morros que foram desmatados não têm resistência e desmoronam.

Essas modificações do meio ambiente não acontecem da noite para o dia, mas ao longo de décadas. E isso a imprensa não mostra. Não temos um tratamento, um estudo e um acompanhamento sistemático dessas questões.

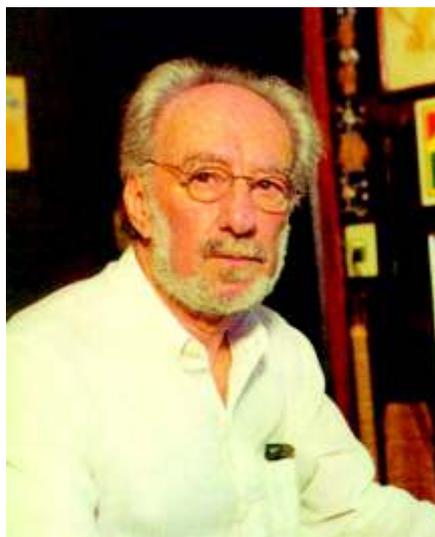
### Em um de seus artigos, recebe destaque a informação de que caso o processo de desmatamento na Amazônia chegue a 50% do total da cobertura florestal, a regeneração e a capacidade de manutenção desse ecossistema serão muito comprometidas. A cobertura nacional tem repercutido a gravidade dessa situação?

**W.N.:** A Amazônia até tem recebido mais atenção por parte da imprensa. Isso porque é uma questão de repercussão internacional. A pressão externa exercida sobre essa região é muito forte. Mesmo assim, a cobertura precisa ainda discutir a estratégia brasileira para a Amazônia. Isso porque o país ainda não a possui. Cada setor faz o que lhe interessa.

Atualmente, cada ministério está implantando sua política. O Ministério da

Agricultura, por exemplo, querendo ter mais soja e boi. O de Minas e Energia, querendo ter mais energia elétrica a qualquer preço, quando nem sequer necessita de energia – um estudo da Unicamp aponta que o Brasil precisa economizar 50% da energia que gasta hoje.

Eu penso que as políticas públicas deveriam considerar o seguinte: se o fator escasso hoje no mundo são recursos naturais e serviços ambientais, o Brasil se situa em uma posição muito privilegiada. Seu território é continental, tem sol o ano todo, e contém 12% da água superficial do planeta. Além disso, possui entre 15% e



“Os nossos modos de viver não são compatíveis com as possibilidades do planeta.”

20% da biodiversidade do planeta, que é a grande riqueza do futuro. O país conta ainda com uma matriz energética que pode ser limpa e renovável, com hidroeletricidade, energia solar, eólica, biocombustível. Isso é o sonho do mundo.

Nesse contexto, a Amazônia deve ser foco de uma estratégia muito consistente – mas não apenas ela, o Cerrado e a Mata Atlântica também.

### Existem iniciativas para traçar essa estratégia para a Amazônia?

**W.N.:** Há cerca de quatro anos, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPBC) propôs uma política de desmatamento zero para a Amazônia e um forte investimento na formação de cientistas e de institutos de pesquisa para trabalhar principalmente com a biodiversidade. É importante destacar que não é necessário desmatar mais nada na região. Já existem 200 mil quilômetros desmatados, sem qualquer utilização econômica. Mas o Brasil não encampou essa estra-

tégia, e também não tem recursos. O Ministério do Meio Ambiente possui 0,5% do orçamento federal e uma parte disso ainda é contingenciada. Ele não tem estrutura de monitoramento e de fiscalização. Apenas 4% das terras têm cadastro. Falta tudo na Amazônia.

### O que o jornalista precisa entender sobre a relevância das florestas para o enfrentamento das mudanças climáticas, uma das questões fortemente em discussão no plano interno?

**W.N.:** O uso inadequado da terra, com desmatamentos e queimadas, responde hoje por quase 20% das emissões de gases de efeito estufa do mundo. No caso brasileiro, 75% das emissões são causadas por desmatamentos e queimadas. E só 25% por emissões industriais e da matriz de transporte. Então, é preciso entender que o principal problema brasileiro na área climática está no desmatamento, no uso do solo e nas queimadas.

Para se ter uma idéia, o economista britânico Nicholas Stern, na sua passagem por São Paulo em novembro de 2008, disse que as emissões brasileiras de gases de efeito estufa estão em um patamar que varia entre 11 e 12 toneladas anuais por pessoa. Se multiplicarmos esse valor por 190 milhões de pessoas, teremos mais de 2 milhões de toneladas. O número representa o dobro do que emitíamos em 1994 – e grande parte disso vem do desmatamento.

Outro ponto: segundo o Ministério do Meio Ambiente, a Amazônia responde por 59% das emissões brasileiras. Praticamente todo o resto acontece no Cerrado, que é uma espécie de primo pobre para o qual ninguém liga. Em 2010, o Ministério do Meio Ambiente deve tomar providências em relação ao Cerrado, que está perdendo 22 mil quilômetros quadrados por ano. O bioma está ameaçado de desaparecer completamente em poucas décadas, porque é considerado o lugar que pode ser desmatado tranquilamente, seja para pecuária, seja para a cana-de-açúcar, seja para a soja. O Brasil precisa prestar atenção nisso.

É preciso colocar o foco das matérias nessas questões, discuti-las e ter uma posição adequada. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) já traçou cenários terríveis para o Brasil. Se continuarmos no rumo em que estamos, a temperatura na Amazônia pode subir até seis graus e, no Centro-Oeste, de três a quatro graus. Isso será uma calamidade. O clima todo do país vai ser profundamente modificado. ■

## Mostra Sustentável



Estão abertas as inscrições de iniciativas para a Mostra de Tecnologias Sustentáveis 2010, evento promovido pelo Instituto Ethos paralelamente à Conferência Internacional – Empresas e Responsabilidade Social, que será realizada entre os dias 11 e 14 de maio de 2010, no Hotel Transamérica, em São Paulo. Organizada anualmente desde 2008, a Mostra reúne tecnologias sustentáveis com alto potencial e viabilidade de implantação e tem despertado enorme interesse nos visitantes de todas as partes do país. Entre as iniciativas apresentadas, encontram-se desde novas metodologias, técnicas e sistemas até processos e equipamentos desenvolvidos visando ao desenvolvimento sustentável. Inscrições e informações: [www.ethos.org.br/mostra2010](http://www.ethos.org.br/mostra2010), até 31 de janeiro de 2010.

## Cálculos

O investimento necessário para zerar o desmatamento na Amazônia brasileira até 2020 é de US\$ 6,5 bilhões a US\$ 18 bilhões, indica uma estimativa de cientistas brasileiros e americanos. Em estudo na revista "Science", os autores do trabalho defendem que esse custo é relativamente barato e permitirá eliminar de 2% a 5% das emissões globais de gases do efeito estufa. Segundo Paulo Moutinho, do Ipam (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), que também participou do estudo, um custo de US\$ 18 bilhões não é tão alto quando se imagina que praticamente todo esse dinheiro poderia vir de um mecanismo de ajuda. É o chamado Redd (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação), ferramenta que deverá estabelecer uma compensação a países pobres que preservam suas florestas. A Noruega, por exemplo, já se dispôs a desembolsar US\$ 1 bilhão pela causa.

## Premiados

Em novembro de 2009 ocorreu a 10ª edição do Prêmio von Martius de Sustentabilidade, realizado pela Câmara Brasil Alemanha. Na categoria Humanidade, que prioriza ações de desenvolvimento humano, o primeiro lugar ficou com a rede de supermercados Wal-Mart. Na categoria Natureza, que prioriza a preservação do meio ambiente e ações ambientalmente sustentáveis, o primeiro lugar foi para o Projeto de Conservação de Felinos no Aguaiá pela Indústria Carbonífera do Rio Deserto. A categoria Tecnologia, que tem como prioridade o reconhecimento da criação de tecnologias sustentáveis com enfoque na preservação ambiental e desenvolvimento social, teve como primeiro colocado a Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI).

## Menos riscos

Para a maioria dos acionistas da atualidade, há menos riscos em investir em empresas sustentáveis do que em companhias omissas à suas obrigações socioambientais ou com uma reputação questionável em matéria de ética e cidadania corporativa. É o que revela um estudo inédito da Market Analysis, instituto de pesquisas e de opinião pública, que há mais de dez anos trabalha com os mais diversos temas sócio-econômicos do mercado nacional e internacional, principalmente para os países da América Latina.

## Conflito

Uma pesquisa da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo mostra que as bacias do Alto Tietê e dos rios Capivari, Jundiá e Piracicaba serão palco de conflitos causados pela escassez de água no ano de 2020. Os setores industrial,



agroeconômico e urbano vão entrar em disputa pelos recursos hídricos se não houver mudança no uso d'água dessas bacias. A previsão está no projeto Cenários Ambientais 2020, divulgado pela secretaria. Atualmente, as bacias dos rios Capivari, Jundiá e Piracicaba transpõem água para a Bacia do Alto Tietê, região bastante industrializada que tem, hoje, um déficit de 80% de recursos hídricos, suprido, em parte, pelas águas transpostas pelos três rios.

## Reflorestamento

O governo do Estado líder em desmatamento, Pará, mudou as diretrizes de seu programa de recomposição de áreas destruídas na Amazônia e passou a contabilizar espécies exóticas, como eucalipto, para aumentar os números e se aproximar da meta de um bilhão de árvores plantadas. A ação visa cumprir a meta estipulada pelo o programa "Um Bilhão de Árvores para a Amazônia". Em maio deste ano, o governo previu somente o plantio de espécies nativas. Mas 65% do reflorestamento deverão ser feitos com eucalipto, planta original da Austrália, devido ao seu menor tempo de maturação – em torno de seis anos –, em comparação com espécies nativas brasileiras.



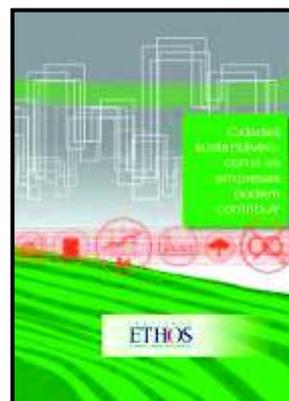
## Diferença

Estudo divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revela que a desigualdade racial é responsável por cerca de um terço da diferença de renda domiciliar per capita entre brancos e negros no país. De acordo com o documento, as regiões mais ricas do Brasil meridional apresentam maior porcentagem de pessoas brancas do que as do Brasil setentrional. "Do Oiapoque ao Chuí, a população embranquece e a renda aumenta", informa o Ipea. Por outro lado, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2008 mostram que a desigualdade brasileira caiu 9,7% desde 2004. Cerca de 31,5% dessa queda pode ser atribuída à redução da desigualdade entre grupos raciais, que foi de 13%. A desigualdade entre regiões caiu 12,6%, sendo responsável por 22,4% do total.

# VS. NEWS

## Experiências

O Instituto Ethos lançou em dezembro, em São Paulo, a publicação *Cidades Sustentáveis: Como as Empresas Podem Contribuir*. Trata-se de um compilado de experiências reais de empresas de várias partes do Brasil feito com o propósito de inspirar outras corporações a interferir positivamente no destino das cidades, de forma a colaborar para torná-las econômica, social e ambientalmente justas. A publicação reúne, ainda, o histórico de movimentos da sociedade civil criados em diferentes municípios do país para também em busca da sustentabilidade urbana, com efetiva participação do empresariado.



## Absurdo

Conhecido pelas exuberantes praias e, recentemente, também em função da ocupação humana desenfreada, o município de Angra dos Reis sofre desde junho com um novo inimigo: o decreto 41.921/09. Assinado pelo governador Sérgio Cabral, ele autoriza construções em zonas antes não edificáveis da Área de Proteção Ambiental (APA) dos Tamoios, responsável pela manutenção do equilíbrio ecológico em 21 mil hectares espalhados no continente e por mais de 90 ilhas. O problema é que nem sequer o conselho da unidade de conservação foi questionado sobre o texto antes de sua publicação. O grupo, agora, tenta suspendê-lo.



**A Lista "Top of Mind" que você já conhece de cara nova!**



**TELEPRINTMÍDIA**  
CATÁLOGOS TELEFÔNICOS

**(22) 2731-6601**  
**www.teleprint.com.br**

Associação:

**ABLE** ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS DE LISTAS TELEFÔNICAS E GUIAS INFORMATIVOS

# O lixo **NOSSO**



**desperdiçado**



# a cada dia

Macaé produz, em média, 300 toneladas de lixo por dia, ou cerca de 10 mil toneladas por mês. Ao invés de ser reciclado, todo o resíduo vira um passivo acumulado no aterro sanitário. Mas poderia ser um grande negócio.



Texto e fotos: Érika Enne

O lixo é um dos principais responsáveis pela contaminação de rios e mares, poluição das praias e a morte de animais marinhos. O lixo espalhado pelas cidades ainda atrai insetos, como ratos e baratas, além de pombos e urubus que podem colocar em risco os pousos e decolagens em aeroportos e trazer graves doenças para o homem. Também contribui para as inundações cada vez mais intensas e frequentes, uma vez que os resíduos se acumulam nas redes de água pluvial, impedindo o escoamento da chuva.

Por outro lado, o lixo pode ser uma grande oportunidade de negócios através da reciclagem. Reciclar o lixo não resolve apenas um problema ambiental, mas também gera emprego e renda e possibilita o resgate social de inúmeras famílias. Apesar disso, o percentual de reutilização dos materiais no país ainda é muito baixo, não chegando a 3%.

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Serviços Públicos, em 1998, Macaé produzia uma média de 80 toneladas de lixo por dia. Em 2005, sua produção já chegava as 200 toneladas e, hoje, o município manda, diariamente, 300 toneladas de resíduos para o novo aterro sanitário. Sem contar que em épocas de Natal, Carnaval, Dia das Mães e dos Pais, o volume chega a dobrar.

## Números crescem

Esses números acompanham o ritmo de crescimento da cidade, que chega neste fim de ano com quase 200 mil habitantes e com a tendência de mais aumento. Mas, infelizmente, a cidade ainda não despertou para o potencial que possui em relação ao seu lixo, podendo se tornar referência em gerenciamento de resíduo urbano. Ao invés disso, todo esse material é levado para o aterro sanitário, localizado próximo da BR-101, que vai acumulando o lixo que recebe até atingir sua capacidade máxima e sem receber nenhum tipo de tratamento, como aconteceu com o aterro controlado de Cabiúnas.

O aterro de Cabiúnas está localizado à margem da Rodovia Amaral Peixoto e foi inaugurado em 1996. Sua vida útil estava prevista para 10 anos, considerando o volume de 80 toneladas de lixo por dia. Mas, com o crescimento populacional e, conseqüentemente, o aumento na geração de resíduos, esse tempo foi reduzido. O resultado é que o aterro acabou operando acima de sua capacidade por três anos e atualmente tem cerca de 250 mil toneladas a mais de lixo do que suporta, considerando que durante esse período de operação 'extra', recebeu diariamente 220 toneladas de lixo, somado às épocas festivas.

Esse crescimento preocupa na medida em que o município não apresenta e tampouco implementa um projeto de recuperação daquele espaço, que se transformou em uma verdadeira montanha de lixo localizada bem próxima a área de restinga. Além do forte cheiro e da presença excessiva de insetos, o lençol freático da região acaba contaminado pelo chorume, comprometendo a qualidade da água dos poços artesianos do entorno e do ar, com a emissão do gás metano, principal gás que provoca o efeito estufa.

## Um problema difícil de combater

Com um crescimento vertiginoso, Macaé vive hoje um grande problema ambiental: o lixo urbano e sua correta destinação. Mesmo com um orçamento bilionário, o município ainda não conseguiu implementar uma política de gerenciamento de resíduos capaz de atender a demanda que avança no mesmo ritmo da população. Faltam lixeiras nas ruas da cidade, a coleta ainda é deficitária em alguns bairros e não existe a coleta seletiva.

Basta uma volta pelas ruas da cidade para observar a quantidade de lixo espalhada pelos bairros, além de terrenos baldios que se transformam em grandes "lixões a céu aberto". A Praia da Barra também se transformou no destino final do lixo gerado pelas comunidades ribeirinhas. Os materiais são carregados pelo rio Macaé até aportarem no litoral.

Para tentar minimizar o impacto visual, a Secretaria de Serviços Públicos vem realizando limpezas constantes na praia da Barra, especialmente após as chuvas, quando são retirados desde móveis e aparelho de TV, até pneus e animais mortos. "Fazemos diariamente a limpeza da Praia da Barra, mas depois de chuvas, sempre reforçamos o trabalho, já que o local recebe toda a sujeira que, infelizmente, ainda é jogada no rio Macaé. Mais uma vez pedimos a colaboração dos moradores para que não joguem nada no rio", falou o secretário municipal de Serviços Públicos, George Jardim.

Ele observou que o lixo despejado em locais inapropriados pode gerar sérios impactos, desde entupimento de bueiros até a poluição de córregos e rios. "O lixo acumulado nas encostas também traz risco de desabamentos e erosão, ameaçando os recursos naturais e a vida de pessoas e animais. Quando lançado nos mananciais, ao se decompor, contamina a água com substâncias tóxicas, mata peixes e outros animais e pode impedir o uso da água para o abastecimento e outros fins", alertou.



## Verba de R\$ 56 milhões para a limpeza da cidade



Para 2010, a prefeitura destinou uma verba mais que suficiente para investir no gerenciamento de resíduos. De acordo com a previsão orçamentária, o serviço de coleta e destinação do lixo domiciliar e urbano vai custar R\$ 56 milhões. Para o próximo ano, também há previsão de a prefeitura implantar e manter o sistema de coleta seletiva, que deve custar um montante de R\$ 360 mil aos cofres públicos. Já para a limpeza de vias e praças públicas, o município destinou R\$ 504 mil, enquanto a implantação de uma Usina de Tratamento Seletivo de Lixo Doméstico deverá custar cerca de R\$ 250 mil.

Sem contar com os projetos voltados para o assunto, como o "Praia Limpa", com orçamento de R\$ 25 mil; "Escola Reciclar", que poderá custar R\$ 51 mil para ser implantado e quase R\$ 60 mil para sua manutenção; além do "Lixo Zero", orçado em cerca de R\$ 28 mil. Se for somada toda a verba destinada para o gerenciamento de resíduos, teremos um montante de quase R\$ 60 milhões.

## Coleta seletiva, reciclagem e a cadeia produtiva do lixo

A produção de lixo vem aumentando assustadoramente em todo o planeta. Estimativas apontam que cada ser humano produz, em média, pouco mais que 1 kg de lixo por dia. Desta forma, será inevitável o desenvolvimento de uma cultura de reciclagem, tendo em vista a escassez dos recursos naturais não renováveis e a falta de espaço para acondicionar tanto lixo.

O envolvimento de prefeituras vem crescendo na medida em que a população cobra uma postura ambientalmente correta de seus governantes. Em 1994, 81 municípios faziam a coleta seletiva em escala significativa. Em 2008 esse número subiu para 405 e, hoje, movimentam cerca de R\$ 8 bilhões por ano, podendo crescer em curto espaço de tempo se receber incentivos dos governos.

Na região metropolitana do Rio de Janeiro, cerca de 40 mil pessoas vivem da coleta e da reciclagem do lixo e existem ainda as indústrias que estão se especializando em desenvolver tecnologia de ponta para transformar o lixo em energia elétrica, térmica ou biodiesel. Já nos municípios do interior, esse trabalho ainda está em fase embrionária e não tem representação na economia da região.

No entanto, Macaé pode ser o primeiro município da região Norte Fluminense a compor a lista dos que realizam

a coleta seletiva. O caminho é longo, mas já existem propostas para que comece a ser trilhado. Uma delas é a criação de incentivos fiscais para atrair empresas e cooperativas de tratamento de resíduos sólidos e efluentes, reciclagem e logística reversa. A intenção é isentar esses empreendedores durante cinco anos do pagamento do ISSQN para atrair a instalação desses empreendimentos na cidade.

"Queremos atrair empresas e indústrias brasileiras que cooperam com a preservação do meio ambiente, tratando e dando destinação final aos resíduos. Hoje, Macaé não conta com uma empresa de reciclagem, mas de gerenciamento de resíduos, que recolhe o material e encaminha para reciclagem em outra cidade. Mas podemos otimizar esse trabalho, criando uma cadeia produtiva da reciclagem dos resíduos urbanos e industriais, o que vai garantir a preservação da natureza e novos postos de trabalho em Macaé", explicou Maxwell.

Além dessa proposta de isenção, o secretário garantiu que em 2010 Macaé vai ganhar um "Ecoponto", que ficará localizado na área central da cidade para receber todo tipo de material separadamente, facilitando o processo de tratamento e reciclagem. "Este espaço será todo preparado com box separados pela cor do material, prensa e um centro de triagem. Dessa forma ajudamos a educar a população a adotar uma nova postura, sendo o primeiro passo para a implantação da coleta seletiva na cidade", alertou Maxwell, completando que o espaço ainda vai contar com uma loja que vai expor e vender os produtos feitos a partir do material que o "Ecoponto" vai receber. "Estamos estudando a proposta dessa verba ficar no Fundo Ambiental para patrocinar outras ações que levem a sustentabilidade da cidade", falou. ■



# Déguster

DELIKATESSEN

22 2765-7332

Av. N. S. da Glória, 1117  
Cavaleiros - Macaé-RJ

*Cestas de natal com  
produtos de ótima qualidade  
atendendo a todos os níveis  
de exigência.*

*Marque presença na vida  
dos seus funcionários e  
parceiros, proporcione uma  
ceia de natal mais feliz.*



[www.deguster.com.br](http://www.deguster.com.br)

# Destagues

## Livro da edição

### Mundo em Transe

O economista José Eli da Veiga, professor da FEA-USP, lançou em dezembro, em São Paulo, seu livro *Mundo em Transe – Do Aquecimento Global ao Ecodesenvolvimento*, no qual resume para o grande público, boa parte da experiência que adquiriu em quase 40 anos de dedicação ao estudo do desenvolvimento sustentável. Publicada pela Editora Autores Associados, a obra discute a transição para o baixo carbono, crescimento e sustentabilidade, bem como o monitoramento do ecodesenvolvimento num cenário de riscos causados pelas mudanças climáticas e pela proliferação nuclear.



**Editora: Autores Associados / 128 páginas**  
**Preço: R\$ 19,00**

## Site da edição

[www.agendasustentavel.com.br](http://www.agendasustentavel.com.br)

A Agenda Sustentável tem como objetivo compartilhar Programas de Sustentabilidade entre empresas, executivos, jornalistas, estudantes, consultores e interessados na área de Sustentabilidade Corporativa. A BiO2 Sustentabilidade, editora responsável pelo site, foi fundada por executivos em fevereiro de 2008, com a intenção de promover um resultado ambiental, social e econômico de melhor qualidade para o Brasil, incentivando tanto ações integradas entre as empresas como a participação da sociedade pública. Seu parceiro nos Estados Unidos, a GreenBiz, é responsável pelo subsídio do conteúdo de notícias e atualidades no mundo corporativo, além de oferecer suporte jornalístico.



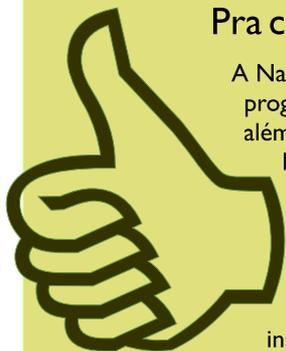
## Agenda

Estão abertas as inscrições de iniciativas para a Mostra de Tecnologias Sustentáveis 2010, evento promovido pelo Instituto Ethos paralelamente à Conferência Internacional – Empresas e Responsabilidade Social, que será realizada entre os dias 11 e 14 de maio de 2010, no Hotel Transamérica, em São Paulo. Organizada anualmente desde 2008, a Mostra reúne tecnologias sustentáveis com alto potencial e viabilidade de implantação e tem despertado enorme interesse nos visitantes de todas as partes do país. Entre as iniciativas apresentadas, encontram-se desde novas metodologias, técnicas e sistemas até processos e equipamentos desenvolvidos visando ao desenvolvimento sustentável. Inscrições e informações: pelo site [www.ethos.org.br/mostra2010](http://www.ethos.org.br/mostra2010), até 31 de janeiro de 2010. Outras informações podem ser obtidas pelo e-mail [mostra@ethos.org.br](mailto:mostra@ethos.org.br).

## Lançamento

O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) lançou em dezembro, em São Paulo, o Guia de Comunicação e Sustentabilidade. A publicação, cuja produção foi coordenada pela Câmara Temática de Comunicação e Educação (CTCOM), do CEBDS, traz orientações na teoria e na prática sobre como comunicar o tema sustentabilidade dentro das organizações e para seus diversos públicos de interesse. Traz ainda uma linha do tempo sobre os fatos mais marcantes relacionados ao desenvolvimento sustentável, um glossário com os principais termos dessa área, dicas sobre como preparar eventos sustentáveis e ferramentas práticas para colaborar no trabalho dos comunicadores empresariais.

## Pra cima



A Natura anunciou em Copenhague, sua adesão ao programa "Defensores do Clima" do WWF-Brasil, além do compromisso da empresa em reduzir em 10% as emissões absolutas dos seus processos operacionais até 2012 em relação ao ano de 2008. Para atingir a meta, a Natura pretende investir em energias renováveis, substituindo o combustível dos seus fornos de calor por biomassa e etanol, insumos renováveis, e usará etanol em sua frota própria de veículos.

## Pra baixo

Dois terços das cidades brasileiras operam no limite da capacidade de fornecimento de água. O colapso no abastecimento, segundo as previsões da ANA (Agência Nacional das Águas) pode acontecer às vésperas da Olimpíada de 2016, que ocorrerá no Rio de Janeiro, e logo depois da Copa do Mundo de Futebol, que será no Brasil em 2014. Para garantir a oferta de água, as concessionárias do setor de saneamento e as esferas públicas federal, municipal e estadual deverão investir cerca de R\$ 18,2 bilhões até 2015, indica levantamento da agência.



## Conferência de Copenhague

# Quem é o culpado pelo fracasso?

Sem alcançar o acordo esperado, a Conferência de Mudanças Climáticas, realizada de 07 a 18 de dezembro em Copenhague, mostrou que os políticos e os diplomatas ainda são incapazes de acompanhar a velocidade do aquecimento global. Agora, as esperanças se voltam para as ações voluntárias das empresas e a voz das ruas.

O mundo inteiro aguardava com ansiedade que algum acordo consistente surgisse durante a COP-15, mas o que se viu foi uma queda-de-braço entre Estados Unidos - os maiores poluidores do planeta - e a China, que deseja “conquistar” este deplorável título. No meio deles, os países em desenvolvimento, os mais pobres e os que simplesmente vão desaparecer se a temperatura continuar subindo.

Em Copenhague, ficou provado que o aquecimento global não poderá ser combatido a partir dos atuais paradigmas econômicos, onde desenvolvimento é sinônimo de consumismo. As lideranças dos países ricos prometem recursos para ajudar os países pobres a mitigar suas emissões de carbono. No entanto, hesitam quando se trata de reduzir suas próprias emissões, pois isto significaria mudanças drásticas nas suas economias e no modo de vida de seus cidadãos.

As esperanças, agora, se voltam para empresas ecoeficientes que, com seus próprios recursos, buscam minimizar os impactos em toda a cadeia de produção, além dos protestos das ruas que tendem a crescer em todo o mundo democrático.

Da parte do Brasil, o carisma do presidente Lula prevaleceu diante das demais lideranças, mas também ficou claro que o país poderia ser mais produtivo nas negociações se escolhesse para chefiar a delegação algum especialista, não a ministra Dilma Rousseff, que, em determinado momento, chegou a dizer que “meio ambiente é prejudicial ao desenvolvimento sustentável”. Um ato falho digno de figurar em algum ensaio do saudoso Sigmund Freud.

A Conferência de Copenhague também ficou marcada como a mais antidemocrática de todas, com milhares de manifestantes presos e a maioria das organizações ambientalistas impedida de participar das plenárias onde aconteciam as discussões e negociações.

Enfim, um fracasso para se lamentar até a próxima Conferência em 2010, a COP-16, na Cidade do México.

## Um rosário de decepções

*Copenhague (Juliana Radler, da Agência Rebia de Notícias)* - Foi triste ver os principais líderes mundiais falhando na tentativa de chegar a um acordo capaz de salvar o planeta da maior ameaça com a qual nossa civilização já se defrontou: o aquecimento global. O presidente Lula, na abertura de seu discurso na plenária, resumiu o sentimento que tomava grande parte dos participantes da conferência: “Sinto-me muito frustrado”. O final da conferência decorreu de forma dramática, após uma interminável sessão plenária, durante a madrugada, com falas veementes e muitas vezes passionais dos negociadores dos 193 países-membros desta Convenção das Nações Unidas. E de quem é a culpa por esse histórico fracasso? Como os países foram capazes de negociar por dois anos – desde a conferência da ONU de Bali, em 2007 – e não chegar a um acordo, aqui em Copenhague, à altura do problema climático, como era esperado por todo o mundo? Agora a decisão fica para 2010 e a expectativa transfere-se para a próxima conferência, no México. Sem dúvida, os Estados Unidos respondem pela maior fatia desse indigesto banquete de falsas promessas. Muita esperança foi depositada no presidente Barack Obama, que em sua campanha eleitoral mostrava-se totalmente comprometido com a solução do



Fotodaily@mail.co.uk

aquecimento global. Porém, aqui em Copenhague, o que assistimos foi um Obama muito preocupado com sua popularidade entre o reacionário eleitorado norte-americano, que pouco acredita nas causas e consequências do aquecimento global. A sobrevivência da humanidade ficou em segundo plano para Obama e sua secretária de Estado, Hillary Clinton.

## Abatimento

Visivelmente abatido, Paulo Adário, diretor do Greenpeace Brasil e um veterano das negociações climáticas, ressaltou: “Isso é um fracasso, um desastre. Qual é o legado que vamos deixar com isso? Obama discursou não olhando para a opinião pública mundial, e sim para Sara Pallin e para o seu eleitor. O mundo não pode ficar refém das decisões do Congresso americano. Sem os Estados Unidos fortemente engajados nesse processo, não há acordo. A conta das emissões simplesmente não fecha”. Membro do Parlamento alemão e porta-voz do Partido Verde, Hermann Ott lamentou a perda de legitimidade que o processo de negociação de mudanças climáticas sofreu nesta conferência de Copenhague. “As decisões são tomadas por pequenos grupos de países e a sociedade civil foi totalmente colocada de lado no processo”, criticou referindo-se à restrição feita às ONGs em participar da conferência. No último dia de negociações, apenas 90 representantes de organizações não governamentais foram autorizados a entrar no Bella Center. As duas semanas da con-

ferência foram marcadas por protestos e prisões de ativistas.

A “Carta de intenções” tentou substituir acordo de verdade Durante toda a tarde do último dia de negociações, o presidente Obama costurou o que foi chamado de “Acordo de Copenhague, elaborado por um grupo de apenas 25 países, incluindo o grupo Basic (formado por Brasil, África do Sul, Índia e China), além de Estados Unidos e outras grandes economias, e que não havia sido submetido à Plenária da Convenção de Mudanças Climáticas, na qual qualquer decisão precisa ser aprovada por consenso entre os 193 países participantes. Em lugar de um documento com poder legal, contendo metas de redução dos gases de efeito estufa para o período entre 2012 e 2020, o “Acordo de Copenhague” é uma espécie de “carta de intenções”, sem nenhuma obrigação e, sobretudo, sem o esperado envolvimento dos Estados Unidos no processo.

Na submissão do “Acordo de Copenhague” à Plenária, vários países, começando por Tuvalu, criticaram e se

negaram a aceitar o documento. Muitos acusaram que o documento foi formulado sem transparência. O negociador do Sudão afirmou: “Todo o princípio de transparência foi violado, e é imoral pensar que esse documento foi elaborado no corpo de uma conferência da ONU. Ninguém, nem Obama, pode forçar a África a destruir a si própria”, ressaltou. Os negociadores boliviano, cubano e colombiano também criticaram a falta de transparência no processo de redação do documento. “Por que esse documento não foi discutido com todos nós? Por que nós temos apenas uma hora para aceitá-lo ou não?”, perguntou o diplomata boliviano, acrescentando que o processo da ONU está sendo conduzido de forma ditatorial, sem transparência e legitimidade. E o cubano acrescentou: “Não aceitamos esse documento e declaro que nesta conferência não existe consenso. O texto do documento só contém frases vagas e é incompatível com os critérios científicos”.

## Sobrevivência

Alguns países que se opuseram ao “Acordo de Copenhague” defenderam o estabelecimento de uma meta que permita manter a temperatura abaixo dos 1,5° C, um limite mais seguro para garantir sua sobrevivência. O bispo sul-africano Desmond Tutu, Nobel da Paz, por exemplo, afirmou na conferência que a meta de 2° C (proposta pelo “Acordo”) é fatal para a África e não será suficiente para evitar drásticas consequências ao continente, como o aumento da desertificação, que causará fome, pobreza e transformará milhares de africanos em refugiados ambientais. O “Acordo de Copenhague” foi, dessa forma, recusado como o documento final da conferência, sendo apenas incluído como uma nota a ser considerada nesta conferência. “Isso é o que de mais fraco poderia acontecer. A Convenção apenas toma nota da proposta”, explicou Tasso. Diante da inércia das negociações, alguns passos foram dados em Copenhague. Do ponto de vista de financiamento para mitigação e adaptação aos efeitos das mudanças climáticas, foi acordado que serão investidos entre 2010 e 2012 o total de US\$ 30 bilhões, alocados sobretudo nos países mais vulneráveis, como os Estados-ilhas e os países mais pobres da África. No longo prazo foi anunciado o objetivo de captar, tanto no mercado quanto em financiamento público, o total de US\$ 100 bilhões anuais, até 2020, para serem investidos em países em desenvolvimento. Esses investimentos serão condicionados a verificação internacional que priorize a transparência dos dados para consulta e análise internacional, como requisitado pelos países desenvolvidos. A distância entre ciência e diplomacia

Uma mensagem ficou clara nesta conferência da ONU: a velocidade das negociações diplomáticas e políticas não estão acompanhando a velocidade na qual avança o problema do aquecimento global, tal como relatam os seguidos estudos científicos divulgados. Mesmo diante de uma catástrofe ambiental anunciada, os líderes foram incapazes de chegar a um consenso capaz de construir um



acordo com metas de redução para o período entre 2012 e 2020. Se reduzirmos em 50% as emissões de gases do efeito estufa até 2050, a probabilidade de que a temperatura global não ultrapasse os 2° C é de apenas 15%, como informou o cientista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e presidente do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Carlos Nobre.

Isso significa que mesmo as metas que vinham sendo colocadas na mesa e não foram alcançadas já estavam, do ponto de vista científico, muito aquém do necessário para evitar, com margens seguras, os efeitos mais danosos ao clima. Para se chegar a um nível mais seguro seria preciso negociar reduções globais entre 70% e 80% nas emissões de gases de efeito estufa até 2050 em relação aos níveis de 1990, apontou Nobre. ■

\*Fontes em Copenhague: Envolverde, Mercado Ético, Carbono Brasil, Rebia, Campanha TicTac e EcoAgência, para reprodução livre, com o apoio da Fundação Amazonas Sustentável.

Campanha do Greenpeace em parceria com ONG Tck Tck Tck critica a passividade dos governantes das nações.



**Míriam Leitão, jornalista** - "A reunião de Copenhague ficará na História como um momento de insensatez das lideranças do mundo. Em que se desperdiçou uma oportunidade de ousar e construir o futuro. Em que se escolheu uma resposta medíocre diante de um vasto desafio. Para o Brasil, ficou este outro sinal assustador: de que o governo quer usar qualquer momento, mesmo o mais inadequado, para montar palanques para a sua candidata".

**Aristides Arthur Soffiati, escritor, professor e ambientalista** - Foi

decepcionante, mas não foi surpresa, pois a expectativa era essa, resultando apenas um acordo de intenção e acho que, de fato, nossos estadistas estão muito despreparados para enfrentar uma crise dessa proporção. Também acho que o discurso de Lula, considerado muito bom pelos críticos internacionais, foi oportunista. A Dilma, como chefe da delegação, foi bastante desastrada, inclusive nas discussões com o (Carlos) Minc (ministro do Meio Ambiente). Mas apesar do fracasso, vamos continuar lutando e novos acordos entre blocos ou entre países poderão ser firmados. A opinião pública mundial está pressionando".

**Antônio Baldan, diretor do Centro Norte Fluminense para a Conservação da Natureza (CNFCN)** -

"A participação do Brasil poderia ter sido melhor. Mas escolheram a Dilma (Roussef), que não entende nada de meio ambiente, como chefe da delegação; depois, pelo fato de só termos levado uma proposta devido à intervenção de Marina Silva no processo eleitoral. Em termos gerais, a conferência foi um fracasso retumbante, pois fazer um documento que não tem força de lei, é melhor não fazer nada. Os países ricos mostraram, mais uma vez, que só querem manter a produção e o consumo, forçando os países em desenvolvimento e os pobres a reduzir suas emissões".

**Marina Silva, senadora e ex-ministra do Meio Ambiente** - "O Brasil perdeu a chance de fazer a diferença contribuindo para o fundo de ajuda aos países pobres. Um país que colocou 10 bilhões de dólares no FMI pode investir recursos para ter solidariedade com os países que precisam. O ideal seria que tivéssemos saído de lá com um acordo à altura da quantidade de chefes de Estado que estavam e à altura da importância política dos homens que estavam lá, mas, infelizmente só quem teve o maior senso de responsabilidade, mais uma vez, foi a opinião pública."

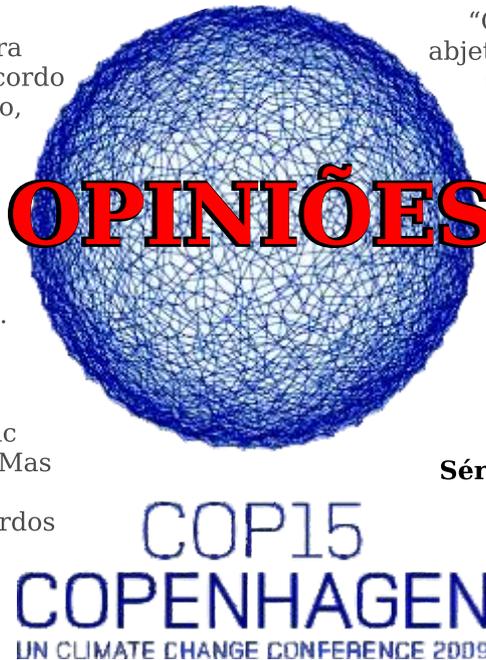
**Nnimmo Bassey, Amigos da Terra Internacional** -

"Copenhague foi um fracasso abjeto. A justiça não foi feita. Ao adiar a ação, os países ricos condenaram milhões de pessoas mais pobres do mundo à fome, ao sofrimento e à perda da vida à medida que a mudança climática se acelera. A culpa desse resultado desastroso é honestamente das nações desenvolvidas."

**Sérgio Serra, embaixador do Brasil para Mudança Climática** -

"É muito decepcionante, eu diria, mas não é um fracasso... se concordarmos em nos encontrar novamente e lidar com os assuntos pendentes. Temos um grande trabalho pela frente para evitar a mudança climática através de metas efetivas de redução de emissões e isso não foi feito aqui."

**John Sauven, Greenpeace britânico** - "A cidade de Copenhague é cenário de um crime esta noite, com os culpados correndo para o aeroporto. Não há metas para cortes de carbono e não há acordo sobre um tratado com valor legal. Parece que há poucos políticos neste mundo capazes de enxergar além do horizonte de seus próprios interesses, muito menos de se importar com milhões de pessoas que estão intimidadas pela ameaça da mudança climática."



# Corrupção prejudica sociedade e custa bilhões para as empresas

**É** o que demonstra o novo relatório da Transparência Internacional, que teve sua versão em português apresentada no Seminário da Abracci, em Brasília. De acordo com o relatório, a corrupção no setor privado, resultante de suborno, cartéis empresariais e influência indevida sobre a política pública custa bilhões e obstrui o caminho para um crescimento econômico sustentável. O lançamento da versão em português do Global Corruption Report 2009 (GCR), com o título Relatório Global de Corrupção 2009: a Corrupção e o Setor Privado, aconteceu no dia 9 de dezembro, durante o seminário da Abracci "Superando a Cultura da Corrupção", em Brasília. O material mostra como as práticas corruptas constituem uma força destrutiva que prejudica a concorrência leal, sufoca o crescimento econômico e prejudica a própria empresa. Nos últimos dois anos, as empresas tiveram que pagar bilhões em multas devido a práticas corruptas.

Apenas em países em desenvolvimento, empresas em conluio com políticos corruptos e funcionários do governo têm fornecido suborno estimado em até 40 bilhões de euros anuais, de acordo com o GCR. E o custo estende-se a uma perda de confiança entre os clientes, bem como entre parceiros de negócio.

## Aumento de custos

A pesquisa mostra também que metade dos executivos de negócios internacionais consultados estima que a corrupção aumente os custos de projetos em pelo menos 10%. Em última análise, são os cidadãos que pagam: os consumidores ao redor do mundo pagam aproximadamente 300 bilhões de dólares a mais em produtos, por conta de quase 300 cartéis internacionais descobertos entre 1990 a 2005. Entretanto, integridade corporativa é muito mais do que ganhos sustentáveis ou retornos sobre investimentos.

Desde a escassez de água a condições de trabalho exploradoras, medicamentos inseguros ou construções ilegais, a corrupção pode trazer danos irreversíveis à sociedade como um todo. "Por isso, o setor privado tem um papel crucial a desempenhar, operando com transparência e responsabilidade. O caso da Bovespa é citado no relatório como exemplo de boas práticas nesse sentido", afirma Caio Magri, assessor de políticas públicas do Instituto Ethos, respondendo também pela secretaria executiva da Abracci.

**- Sobre o Relatório Global de Corrupção:** No Relatório Global de

Corrupção 2009, da Transparency International, especialistas do mundo todo examinam as consequências da corrupção. A edição deste ano enfoca especificamente a questão da corrupção no setor privado.

**- Sobre a Abracci:** A Articulação Brasileira contra a Corrupção e a Impunidade (Abracci) teve início em 2009 e congrega um conjunto de organizações da sociedade civil no intuito de provocar uma forte tomada de consciência por parte da sociedade como um todo, promovendo práticas de combate à corrupção e à impunidade. ■



Fonte: Instituto Ethos

**SENAI MACAÉ. MAIS DESENVOLVIMENTO PARA UMA REGIÃO QUE NÃO PARA DE CRESCER.**

O SENAI oferece soluções em Tecnologia e Educação Profissional focadas na cadeia produtiva de Petróleo e Gás.

### Educação Profissional

- Automação • Automotiva • Eletricidade • Eletrônica • Gestão • Mecânica • Metalurgia • Metrologia
- Movimentação de Cargas • Petróleo • Segurança do Trabalho • Tecnologia da Informação

### Soluções Tecnológicas

- Ambiental • Automação Industrial • Fabricação Mecânica • Metrologia • Solda

Informações: 0800 0231 231 ou [www.firjan.org.br](http://www.firjan.org.br) | Estrada Virgem Santa, s/nº - Botafogo, Macaé

Sistema  
**FIRJAN**





# Apetite para assar o planeta

Ao saborear um bife de filé mignon, você está contribuindo indiretamente para o aquecimento global.

Paul Virgo

**P**or muito tempo, alguns afirmaram que não se devia comer carne porque pressupunha “assassinar” animais. Agora podem argumentar que isso também mata o planeta, devido à enorme contribuição do gado com as emissões de gases que provocam o efeito estufa. O setor pecuário gera cerca de 18% das emissões contaminantes, segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), mais do que a produzida pela queima de combustíveis de nossos automóveis e dos aviões que nos levam de um continente a outro. “O vegetarianismo é o melhor e mais efetivo que alguém pode fazer pelo meio ambiente”, disse um leitor berlinense em um fórum do site do jornal The New York Times, sobre como as pessoas podem combater a mudança climática. São várias as maneiras como a enorme demanda por carne da humanidade gera emissões. A produção mundial quase duplicou desde 1961, chegando a 282 milhões de toneladas em 2009, e espera-se que duplique até 2050, segundo a FAO. É um importante vetor de desmatamento, já que são cortadas árvores para criar novos pastos e terra arável, o que faz com que seja liberado dióxido de carbono armazenado nas árvores cortadas ou queimadas. Este processo também tem enorme impacto sobre a biodiversidade. O gado representa 37% do metano induzido pelos seres humanos. Trata-se de um gás com potencial de aquecimento global 23 vezes superior ao do dióxido de carbono, principalmente pelas flatulências e arrotos dos animais.

## Pegada ecológica

Esses animais também geram 65% do óxido nitroso da humanidade, cujo potencial de aquecimento global é 296 vezes o do dióxido de carbono, em particular a partir dos excrementos, disse a FAO em seu informe “A grande sombra do gado”, de 2006. Também se deve ter em conta a pegada ecológica de produzir os alimentos consumidos pelos animais, bem como o carbono queimado para fazer funcionar as fazendas industriais, os matadouros e as unidades de processamento, bem como para refrigerar a carne. Se tudo isso não fosse suficiente, o gado também causa uma degradação generalizada do solo e da água. Os principais agentes contaminantes incluem dejetos animais, antibióticos e hormônios, produtos químicos derivados de curtumes e os fertilizantes e pesticidas usados nos cultivos que servem de alimento. Trata-se de um assunto complicado. Para começar, a pegada ecológica de meio quilo de carne varia de caso para caso. A de vaca possui a maior, e a de frango a menor. Importa como são produzidas: comer um pedaço de frango de um estabelecimento tradicional é muito menos problemático do que se servir de uma bisteca de carne bovina procedente de uma fazenda industrial. E não se deve esquecer que os grãos e as verduras podem ter enormes pegadas ecológicas, se ao serem cultivadas for usado herbicidas e pesticidas elaborados com petróleo, em solo

empapado de fertilizantes contendo nitrogênio. Além disso, o setor pecuário pode ajudar a mitigar as emissões, bem como as terras de pastoreio bem manejadas e os sistemas de pastagens rotativas em entornos naturais podem agir como sumidouros de carbono, seqüestrando esse gás nos solos em lugar de liberá-los na atmosfera. Tampouco se deve ignorar a importância social do setor. Este emprega 1,3 bilhão de pessoas e dá sustento a um bilhão de pobres do mundo, especialmente da África e Ásia, segundo o informe da FAO. Como a criação de animais não exige uma educação formal ou grande capital, e comumente também não requer títulos de propriedade da terra, frequentemente é a única atividade econômica acessível para os pobres nas nações em desenvolvimento. É possível que o debate nunca se resolva totalmente. Mas alguns acreditam que o principal é divulgar o assunto, com a ajuda de iniciativas como a de Pachauri e do ex-Beatle Paul McCartney, com a campanha “Menos carne=Menos aquecimento”, para que a população seja mais consciente do impacto de suas escolhas. “Gostaríamos que todos fossem vegetarianos, mas somos realistas e sabemos que isso não acontecerá da noite para o dia. O importante é estarmos falando do vínculo entre a carne e a mudança climática. Há um ano as pessoas não faziam isso”, disse Su Taylor, da britânica Sociedade Vegetariana. ■

Fonte: IPS/Envolverde

# municípios

## No trânsito



O setor de Educação da Mobilidade Urbana da Mactran, em **Macaé**, encerrou dia 4 de dezembro, no Circo Escola, as atividades deste ano do Programa Circulando no Trânsito. O encerramento foi com a peça “Os sonhos de Sofia, as lições de Maria Eugênia no trânsito” e palestra sobre comportamento do pedestre para alunos do 4º e 5º anos da Escola Municipal Wolfgang Ferreira. De setembro a dezembro, foram atendidas cerca de 30 escolas da rede municipal e particular, num total de 3.702 alunos do ensino fundamental.

## Feira da Providência

**Casimiro de Abreu** marcou presença em dois estandes na Feira da Providência, no Riocentro, com os produtos de fibra da bananeira e de garrafas Pet confeccionados pela Casa do Artesanato expostos no estande do Rio Solidário, ONG que desenvolve projetos sociais em todo o estado. A secretária de Assistência Social, Rosana Lélia, esteve lá e também visitou o estande Doces Nobres, de Rio Dourado. Rosana avaliou a participação de Casimiro de Abreu na Feira da Providência como de suma importância para a projeção de uma imagem positiva para o município através da divulgação do artesanato e da valorização do trabalho do artesão local.

## Reciclagem

Foi um sucesso as oficinas de reciclagem com a força de trabalho da Unidade FPSO Rio de Janeiro, da Petrobras, plataforma de exploração de petróleo na **Bacia de Campos**, cumprindo o objetivo proposto, que foi o de transmitir a importância do valor que deve ser dado a uma matéria prima que custa tanto para ser retirado dos recursos naturais e que está sendo tratado pela sociedade de consumo como lixo, acarretando uma série de problemas socioambientais. Graças à transformação artesanal, a criatividade e a boa vontade, a turma da FPSO-RJ iniciou um novo ciclo de descarte e de revalorização de materiais, de conceitos e de atitude.

## Cidadania

O município de **Rio das Ostras** teve uma grande representatividade na IX Conferência Internacional Jovem de Cidadania, Democracia e Participação, realizada em Reggia Emilia, Itália, em novembro. A participação dos representantes do Orçamento Participativo Jovem do município no grupo de trabalho sobre Crianças e Jovens – Cidadãos e Processos Participativos foi fundamental para a apresentação de como o projeto é desenvolvido no município. Coordenados pela Junta de Freguesia de Carnide, de Portugal, o grupo de trabalho fez uma compilação de projetos sobre o tema com o propósito de construir uma base de dados a ser utilizado pelo Observatório Internacional da Democracia Participativa - OIDP e todos aqueles que desejam promover a discussão em torno dos processos participativos que envolvam crianças e jovens.

## Educação



Várias escolas de **Quissamã** tiveram oportunidade de assistir a apresentação do Projeto “Pé no Pedal e Lixo no Lixo” que, saindo de São Paulo há dois meses, pretende percorrer de bicicleta centenas de cidades litorâneas do Brasil e de mais 14 países da América Latina. O objetivo principal é despertar o entusiasmo e o amor pela natureza de crianças do Ensino Fundamental na faixa etária de seis a onze anos. Tudo isso partiu de uma ideia do casal Lidiane Guimarães Vieira (técnica ambiental) e Evandro Luiz Leitão de Oliveira (analista de sistemas). O projeto consiste na realização de uma peça de teatro de fantoches, cujos personagens são a Li, o Lê, o Sol, a Terra e a Árvore, todos de material reciclado como garrafas pet, revistas e jornais, tampinhas, etc e voltados à educação ambiental feita através de linguagem direta de interação com as crianças, trabalhando a ecologia interior, a curiosidade e a grande vontade de aprender que geralmente elas têm.

# Vida para o Rio Paraíba do Sul



hipótese de transposição parcial, exatamente pelas consequências que afetariam toda a bacia. A adoção de políticas centradas na recuperação e manutenção dos recursos naturais, bem como em conceitos de sustentabilidade, já é fato em Jacareí.

Registre-se que foi a primeira cidade do país a construir uma ETE (Estação de Tratamento de Esgoto), com recursos gerados pela cobrança pelo uso industrial da água do rio Paraíba. A obra, uma parceria público-privada, iniciou uma série de ações que permitiram a ampliação do índice de tratamento de esgoto doméstico de 2% para 20% na cidade – outras duas ETEs foram construídas desde 2005. Em se considerando que o esgoto doméstico é a principal fonte de poluição do rio Paraíba, é fundamental que centremos esforços e investimentos para minimizar esses efeitos. Com população de 210 mil habitantes, Jacareí iniciou, este ano, a maior obra de saneamento de sua história: a despoluição do Córrego do Turi, principal afluente do rio Paraíba na cidade. Em dois anos, elevaremos o índice de tratamento de esgoto na cidade para 70%, reduzindo significativamente o despejo de esgoto in natura no rio.

Nossa contribuição para com a recuperação do rio Paraíba conta com investimento total da ordem de R\$ 90 milhões, incluindo recursos do PAC. Jacareí, assim como outras cidades, depende de ações conjuntas e de políticas de longo prazo. Tudo isso, incluindo as discussões sobre a transposição parcial do rio Paraíba, já integra a pauta de discussões do Ceivap (Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul).

Mas exigimos a participação e o envolvimento fundamentais do Governo Estadual para definir conjuntamente programas de despoluição da bacia, projetos de recuperação e compensação ambientais, planos de manejo que envolvam áreas produtivas e de preservação, e programas de educação ambiental. O problema é que, ainda que revestido de toda essa importância, o rio Paraíba do Sul continua a ser visto sob uma ótica puramente exploratória. Há que se estudar alternativas para o abastecimento da Grande São Paulo, mas é preciso preservar e recuperar o rio Paraíba. E não torná-lo, mais uma vez, vítima de políticas míopes e imediatistas. ■

Hamilton Ribeiro Mota\*

A partir de um levantamento encomendado pelo Governo do Estado de São Paulo, passou-se a cogitar a transposição parcial das águas do rio Paraíba do Sul como alternativa para subsidiar o abastecimento de 180 municípios que compõem a "macrometrópole" de São Paulo, Campinas e Baixada Santista. O sistema de abastecimento da Grande São Paulo ganharia um incremento de 5.000 litros de água por segundo, sendo que a captação se daria no município de Jacareí, a partir da represa do Jaguari, integrante do sistema Cantareira. Tal alternativa exige avaliação e estudos aprofundados, mensurando quais os efetivos impactos e compensações socioeconômicas e ambientais que geraria aos municípios que compõem a Bacia do Paraíba do Sul. São 180 municípios entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Além de ser a principal fonte de abastecimento de água para a população, para a irrigação agrícola e para a indústria, o rio Paraíba do Sul é, ainda e a despeito das violências por que passa, bacia de pesca e de lazer. E um importante fator de identidade e integração de um contingente considerável: em toda a bacia, vivem mais de 14 milhões de habitantes. Como primeiro grande núcleo urbano banhado pelo rio Paraíba, o município de Jacareí vê com preocupação a

\* Prefeito de Jacareí (SP)

www.rtlea.com.br



Locação de Equipamentos  
para construção civil,  
Onshore e Offshore.



Telefones:  
(22) 2759-4189  
(22) 3311-4366  
(22) 3311-4302



# A conta para as gerações futuras

Brasil pode perder R\$ 3,6 trilhões até 2050 por causa das mudanças climáticas.

Qual será o custo das mudanças climáticas para o Brasil? Onze instituições do país fizeram a conta e calculam um prejuízo que pode chegar a R\$ 3,6 trilhões até 2050. De acordo com o estudo Economia da Mudança do Clima no Brasil: Custos e Oportunidades, lançado em novembro, as perdas econômicas equivalem a pelo menos um ano inteiro de crescimento jogado no lixo se nada for feito para evitar os impactos da mudança do clima em setores como agricultura e energia e em regiões como a Amazônia e as zonas costeiras. Inspirado no Relatório Stern, estudo britânico que em 2006 calculou o custo da mudança climática em 20% do Produto Interno Bruto (PIB) global, a pesquisa brasileira parte de cenários do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) para calcular o impacto do aquecimento global nas contas do país.

## Cenários

No primeiro cenário, o Brasil chegaria a um PIB de R\$ 15,3 trilhões em 2050, mas perderia 0,5% (R\$ 719 bilhões) por causas das mudanças do clima. No segundo, considerando uma trajetória de crescimento mais limpo, o PIB chegaria a R\$ 16 trilhões, mas as perdas seriam de 2,3% (R\$ 3,6 trilhões). Coordenadora operacional do projeto, a pesquisadora da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ), Carolina Dubeux, afirma que é preciso deixar claras as consequências macroeconômicas da mudança do clima, que não se restringem aos debates científicos e ambientais. "O impacto do clima ainda vai ser modesto em 2050, ainda assim na economia será bastante grande. Há uma tendência de redução do PIB em função da mudança climática. E no Brasil isso vai aumentar as disparidades regionais", cita. Entre os setores mais vulneráveis aos prejuízos do aquecimento global no país estão agricultura e energia. Se nada for feito para adaptar a produção às mudanças do clima, todas as culturas - com exceção da cana-de-açúcar - sofrerão redução das áreas com baixo risco de produção. Para as lavouras de café, o percentual é de 18% e para a soja chega a 30%. A perda anual na agricultura pode passar de R\$ 10 bilhões, de acordo com o estudo.

## Alto custo

O custo da falta de ações para o setor energético também será alto. Com a redução da vazão dos rios, o sistema elétrico vai perder capacidade de geração, principalmente nas regiões Nordeste e Norte. "A perda de energia firme vai ser da ordem de 33%. Tem que haver planejamento para o futuro que considere isso, com complementação por outras fontes", calcula a pesquisadora. Nas zonas costeiras, a elevação do nível do mar pode causar prejuízos de até R\$ 207,5 bilhões até 2050 com a perda de patrimônio. Para a Amazônia, o levantamento estima perda de até 38% das espécies, além de R\$ 26 bilhões a menos por ano com a perda de 12% dos serviços ambientais. O cenário considera a redução de 40% da cobertura vegetal da floresta, que, segundo o IPCC, deverão ser convertidos em savana. O estudo, que levou cerca de dois anos para ser concluído, teve a colaboração de instituições como o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Universidade de São Paulo (USP), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Fórum Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). ■



## Poluição



Arquivo

A poluição do ar de São Paulo altera o colesterol do sangue, o que aumenta a placa de gordura nos vasos, conhecida como aterosclerose, como mostra uma pesquisa da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). A deposição de placa de gordura nas artérias facilita problemas como infarto e derrames cerebrais. O ar de São Paulo possui partículas que, quando inspiradas, penetram na corrente sanguínea e alteram a estrutura da molécula do LDL, a lipoproteína de baixa densidade — conhecida como colesterol “ruim”. A molécula adquire, então, mais facilidade para formar camadas de gordura e engrossar a parede do vaso. Os resultados são da tese de doutorado da biomédica Sandra Regina Castro Soares.

## Copa verde

Dezessete nações que participam da Copa do Mundo do ano que vem na África do Sul vão compensar emissões de gases geradas pela ida das equipes ao evento, segundo anunciou o Programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente, Pnuma, no dia da abertura oficial da Conferência da ONU sobre Mudança Climática. As viagens internacionais de espectadores e dos times devem contribuir com mais de 67% das emissões totais da competição. Os times são: Brasil, Camarões, Chile, Costa do Marfim, Inglaterra, Grécia, Itália, Japão, Coréia, Holanda, Nova Zelândia, Nigéria, Sérvia, Estados Unidos, Uruguai e a África do Sul.

## Menos riscos

Para a maioria dos acionistas da atualidade, há menos riscos em investir em empresas sustentáveis do que em companhias omissas às suas obrigações socioambientais ou com uma reputação questionável em matéria de ética e cidadania corporativa. É o que revela um estudo inédito da Market Analysis, instituto de pesquisas e de opinião pública. O estudo, “Monitor de Responsabilidade Social Corporativa 2009”, foi produzido com base em 802 entrevistas pessoais e constatou também que ter credenciais sólidas de responsabilidade social e ambiental ainda não é o principal foco de atração de investimentos.



## Pesquisa

Quatro em cada cinco brasileiros acham que é necessário promover mudanças na sociedade para proteger o meio ambiente, mesmo que isso signifique redução do crescimento econômico e perda de empregos. De acordo com reportagem publicada no site sobre mudanças climáticas da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), das 26 mil pessoas entrevistadas em 25 países para uma pesquisa do instituto Pew Research Center, os brasileiros foram os que se mostraram mais preocupados com o combate ao aquecimento global. Entre eles, nada menos do que 90% consideraram o aquecimento global como “um problema muito sério”. Argentinos, franceses e sul-coreanos seguiram o ranking, com percentuais de 69%, 68% e 68%, respectivamente. Já o fim da lista é ocupado por chineses e americanos.

## Sem problema



O estabelecimento de uma meta para a redução das emissões brasileiras de gases-estufa não deve ser um empecilho para o crescimento do país nos próximos anos, avalia a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). “Há uma diferença entre o caso das nações desenvolvidas, que têm o compromisso de cortar as emissões em 80% sobre a base de 1990, e o das nações em desenvolvimento, que estariam atenuando a sua curva de crescimento”, diz Paulo Skaf, presidente da entidade. “No que se refere ao Brasil, esse é um objetivo responsável, considerando que três quartos das nossas emissões são provenientes do desmatamento -e estamos todos de acordo com o fato de que isso tem que acabar. A participação da indústria é ínfima. E 40% da energia consumida em território nacional vem de fontes renováveis”, acrescentou. trabalha para promover a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais.

# Cortadores de cana

## remanescentes do Brasil Colônia

Roberto César\*

**A** cultura da cana de açúcar no Brasil se confunde com a história do país. Desde 1530 que as atividades da lavoura da cana são praticadas, iniciada com a mão de obra escrava indígena e logo substituída pelo trabalho escravo dos negros africanos.

O Brasil atual está no centro do cenário energético mundial, quando o assunto é etanol, em razão do sucesso na produção do etanol oriundo da cana de açúcar. Fato que deixa o país em situação confortável em função das vantagens competitivas como clima favorável, expansão territorial, domínio das técnicas, entre outras situações convenientes, alavancando a economia do país com números expressáveis.

Mas há também os reverses das práticas sucroacooleira. Recentemente o Brasil foi apontado como um dos principais responsáveis pela crise mundial de alimentos em função do direcionamento agrícola para a plantação de cana de açúcar. Hipótese pouco provável diante das evidências históricas de desigualdade social que acompanha a humanidade.

Um dos agravantes em relação ao etanol está associado à poluição causada pela queima dos canaviais para facilitar o corte manual da cana, que é uma realidade de mais de 60% do que é praticado no país. Mas o que podemos chamar de maior problema da lavoura da cana de açúcar, visto de um horizonte social, são as condições de trabalho dos cortadores de cana dos empreendimentos sem visão sustentável.

O corte manual de cana nesses tipos de propriedades arrasta um cenário alusivo

ao período escravocrata que o país viveu por mais de 350 anos. A chibata foi substituída pela enfática cobrança de produção por corte e pela necessidade do próprio cortador que só recebe pelo que corta e que, em muitos casos, culminam em morte por exaustão. Há mais de 20 casos registrados desde 2004, enfim, “morrendo de trabalhar”. Os transportes, em sua maioria, estão resumidos a caminhões ou ônibus em péssimos estados, resultando em acidentes com um destino tão duvidoso quanto de um navio negreiro. Muitos alojamentos precários regredem os bóias frias ao cerne amargo das senzalas. Como se não fosse pouco, de tempo em tempo são descoberta propriedades com centenas de mão de obra escrava.

### Futuro incerto

A mecanização da colheita da cana feita com uma colheitadeira moderna substitui o trabalho de aproximadamente cem trabalhadores. Nada de mais, lembrando que o método de mecanização reduz a mão de obra, um fato irreversível diante do avanço tecnológico. O que mais assusta quanto à mecanização seria o deslocamento desses trabalhadores no mercado de trabalho, visto que no estado de São Paulo, maior produtor de etanol, os produtores ratificaram o Protocolo Agroambiental, que estabelece a erradicação da queima da cana até 2014 para as áreas mecanizáveis e 2017 para as não mecanizáveis.

Qual seria a solução para, talvez, uma “próspera” caravana de cortadores de

cana após 2017, lembrando que grande parte destes é analfabeta e sem outra profissão? Será que vamos aumentar a marcha dos sem terras que crescem vertiginosamente sem uma solução razoável? Isso nos faz lembrar levemente dos imigrantes italianos que aqui chegaram pela mesma estrada que os ex-escravos seguiam sem emprego e sem terra, carregando somente a esperança. Novamente a comparação: os imigrantes, como solução para reparar o impacto da Abolição, substituíram os negros sem nenhum plano de sobrevivência para os recém libertos e, quem sabe, a mecanização esteja consumando o mesmo equívoco social com os cortadores de cana.

### Desafio Solidário

Salvo as usinas com atitudes socioambientais, que já estão incorporando certificações como ISO 14001, OHSAS 18001 e SA800, ainda existe uma grande lacuna insolúvel para um problema social, principalmente quando o país busca a conquista do mercado internacional, redução de subsídios agrícolas por parte dos países ricos aos produtos brasileiros, enfim, estabilidade econômica.

Se não houver interesse mútuo entre empresas, sindicatos, ONG's e poder público em criar medidas atenuadoras para esses impactos sociais oriundos do corte manual da cana, o país como um todo, continuará deleitando-se politicamente no glamour do etanol contrastado com uma nostalgia oculta das senzalas do período escravocrata. ■

\*  
Autor



\*O autor é graduado em Gestão e Planejamento Ambiental, trabalha como Técnico de Segurança do Trabalho a serviço da Petrobras, pelo Bureau Veritas e atua como consultor da TRT Petróleo.



# Mural

Móveis



 **2773.5377**



Av. Nsa. Sra. da Glória, 455 - Praia Campista Macaé/RJ

E-mail: [muralmoveis@yahoo.com.br](mailto:muralmoveis@yahoo.com.br)



# III FEIRA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL BACIA DE CAMPOS

De **11 a 13/05/2010**  
das **14h às 21h**  
no **MACAÉ CENTRO**

Feira de  
Exposições

Rodada de  
Negócios Sustentáveis

Fórum de  
Palestras

Oficinas

Apresentações  
Culturais

Exibição de  
Vídeos

Organização:

REVISTA **visão**  
socioambiental  
Cultura da Sustentabilidade

Mais Informações e Reserva de Estandes:

[22] 2772.0266 | 2772.2569

▪ [www.feirarsebaciadecampos.com.br](http://www.feirarsebaciadecampos.com.br)